

Monique SOCHACZEWSKI¹,
Doutora em História, Política e Bens Culturais

OS JUDEUS E A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA AZERBAIJANESA

A COMUNIDADE JUDAICA DO AZERBAIJÃO É UMA DAS MAIORES DO MUNDO ISLÂMICO. ELA SOMA CERCA DE 35.000 JUDEUS, SEGUNDO DADOS OFICIAIS AZERIS DE 2014, QUE SE CONCENTRAM EM ESPECIAL NA CAPITAL, BAKU, E NA CIDADE DE KRASNAIA SLOBODA (CIDADE VERMELHA), NO NORDESTE DO PAÍS. OS JUDEUS AZERIS SÃO NA REALIDADE DIVIDIDOS EM TRÊS GRUPOS COM HISTÓRIA E TRADIÇÕES DISTINTAS E INTERAÇÃO LIMITADA: JUDEUS DA MONTANHA, JUDEUS GEORGIANOS E ASHKENAZIM.

Um dos principais discursos oficiais do governo da República do Azerbaijão é o de que o país tem uma tradição de tolerância, contando com vários grupos religiosos e étnicos vivendo em paz dentro de suas fronteiras. O chefe do Comitê Estatal para o Trabalho com Organizações Religiosas, Mubariz Gurbanli, chegou a declarar recentemente que o país é "um modelo de tolerância no mundo". De fato, a presença judaica é relativamente vasta no país, além de muito antiga, e ela não só integra este discurso de pluralidade e de tolerância, como serve de base também para boas relações que o país mantém com o Estado de Israel.

O intuito deste texto é apresentar um panorama que trate da história e atualidade destes três grupos de judeus azeris e verificar a maneira

como estes são retratados em museus e centros culturais locais.

Gorskie Evrei

"Kiptas", "Bani Israel", "Juur", "Dzhukhur", ou "Gorskie Evrei". Estas são as diversas denominações usadas para tratar de um só subgrupo judaico no Azerbaijão, o dos judeus da montanha. Estes vivem, sobretudo, na cidade de Krasnaia Sloboda, próxima a Guba, no nordeste do país, e também na capital Baku. Acredita-se que em Krasnaia Sloboda ainda vivam cerca de 4.500 judeus, configurando-se, assim, uma das poucas cidades totalmente judaicas fora de Israel, se não a única. A língua que falam é um amálgama de dialeto persa e hebraico e por vezes é referida como *Tat* e outras como *Juhuri*.

Na biografia que escreveu de Lev Nussimbaum, um dos preten-

tos autores do livro nacional azeri "Ali e Nino", o jornalista norte-americano Tom Reiss (2007: 72) conta do encantamento que o menino Lev tinha no início do século XX com esses judeus tribais que "usavam adagas, botas e chapéus de pele iguais aos seus vizinhos muçulmanos". Lev se empolgava ainda por saber que estes judeus andavam armados e, que a exemplo de outros povos do país eram "pastores, nômades, guerreiros". De fato, este grupo de judeus tem uma cultura bastante específica e ligada a outros grupos do Cáucaso. Isto gerou históricas discussões sobre suas origens, seja entre os próprios judeus ou entre os administradores coloniais russos. Consta que o termo "judeu da montanha" teria surgido pela primeira vez em um documento da administração colonial russa no Cáucaso

Interior da sinagoga dos judeus ashkenazim em Baku.



em 1825, período em que se anexava aquela região aos domínios dos czares. Os russos teriam optado por essa denominação para distingui-los dos judeus europeus, os *ashkenazim*, com os quais já tinham certa familiaridade.

Yehuda Chernyi (1835-1880) e Il'ia Anisimov (1862-1928) foram os primeiros a desenvolver pesquisa sobre os judeus da montanha. Ambos eram judeus - sendo o segundo ele próprio um judeu da montanha - e contaram com recursos para viajar pelo Cáucaso pesquisando-os, deixando importantes livros a seu respeito. Tinham interpretações divergentes, porém. Para Chernyi, os judeus da montanha eram de fato judeus, mas diferentes dos congêneres europeus em termos morais e costumes, "que eles adotaram dos vizinhos das montanhas, tendo vivido entre eles por séculos" (Goluboff,

2004). Já para Anisimov, eram judeus que se mantinham distantes de outros grupos de judeus por entender que a educação que estes buscavam e pregavam, os distanciaria da fé e os subjugaria.

Ao longo do tempo desenvol-

veram-se três explicações para suas origens. A primeira dizia que se tratava de descendentes do povo exilado da Babilônia que teriam vivido um tempo na Pérsia antes de se assentar no Cáucaso, configurando-se, portanto, entre os habitantes mais





antigos do país. Já uma segunda teoria dizia que eram descendentes dos Kazares, "uma confederação de guerreiros de fala turca que, nos séculos VII e IX, constituíram o único caso na história pós-bíblica de conversão em massa ao judaísmo" (Reiss, 2007: 73). Por fim, uma terceira explicação era a de que eles emergiram de um longo processo de mistura entre descendentes de judeus antigos e pagãos locais que mais tarde se converteram ao Islã.

Os escritos a seu respeito durante o período soviético foram poucos e no geral os descreviam como mais um povo falante de *Tat*, que por acaso eram judeus. O intuito neste período era, sobretudo, localizar e buscar apagar eventuais sobrevivências de religião, individualismo burguês, opressão feminina e nacionalismo que ameaçassem a ordem socialista (Gobunoff, 2004: 133).

Desde a independência do Azerbaijão da União Soviética em 1991, porém, vem sendo crescente uma busca por parte dos judeus da montanha por melhor compreensão de seu passado e por reconhecimento de sua antiguidade e peculiaridade, entendendo-se como "a comunidade judaica mais antiga do mundo". Já o governo republicano que se estabeleceu desde então apresenta e reforça ao longo do tempo, um discurso de país que foi historicamente uma encruzilhada entre religiões e etnias distintas, mas que sempre conviveram em paz, e ressaltando nesta narrativa a longa e importante presença judaica, em especial por conta dos judeus da montanha.

Ashkenazim

Os *ashkenazim* se estabeleceram no Azerbaijão no início do

século XIX, quando do esforço do Império Russo de incutir cultura russa na região do Cáucaso. A data oficial que se usa para a formação desta subcomunidade judaica é de 1832. Durante o *boom* do petróleo, a partir dos anos 1870, mais judeus *ashkenazim* se dirigiram ao país, vivendo, sobretudo, em Baku. Além do negócio do petróleo em si, muitos atuaram como profissionais liberais, trabalhando como advogados e médicos na capital. Em 1912, por exemplo, cerca de um terço dos advogados e médicos da capital azeri eram judeus.

Durante a Segunda Guerra Mundial muitos *ashkenazim* teriam também se dirigido ao país, que então integrava a União Soviética, para fugir das perseguições nazistas na Europa. Com a independência em 1991, muitos emigraram e os que ficaram reconstruíram ou

Sinagoga judaica na cidade de Guba.

construíram instituições, como a Sociedade da Amizade Azerbaijão-Israel (Huseynov, 2011: 52). Acredita-se que atualmente cerca de 5.000 judeus *ashkenazim* vivem em Baku. Seu dialeto era o ídiche, mas a grande maioria domina o russo e o azerbaijanês.

Kartli ebraeli

Os judeus georgianos são também conhecidos como *kartli ebraeli*. Desde o século XI há referência a estes judeus na literatura georgiana, mas acredita-se que eles teriam chegado inicialmente àquela região do Cáucaso depois da destruição do primeiro templo, em 586 A. C. Um segundo fluxo ali chegou com a destruição do segundo templo, em 70 D. C. Regiões georgianas como Gori, Gagra, Oni, Batum, Kutais, Akhalsix, Kulashi e Tiflis foram áreas de residência compacta dos chamados *ebraelis*. Sendo normalmente minorias, gradualmente perderam a sua língua nativa e passaram a adotar o idioma georgiano e também o russo.

A presença dos *ebraelis* no que é hoje o território do Azerbaijão, data dos séculos XVIII e XIX, e se dá, so-



bretudo, na cidade de Baku, mas há também presença próxima à fronteira da Geórgia atual. Os números também são incertos, mas fala-se de cerca de 700 judeus georgianos vivendo atualmente no Azerbaijão.

Sobre a história e memória dos judeus azeris

Existe um número digno de nota de judeus nascidos ou radicados no Azerbaijão que tiveram grande projeção interna ou internacionalmen-

te. Este foi o caso de Yevsey Gindes (ministro da Saúde na República Democrática do Azerbaijão, que existiu entre 1918 e 1920), de Lev Landau (cientista ganhador de prêmio Nobel de Física), do violoncelista e maestro Mstislav Rostropovich (1927-2007), e da pianista Bella Davidovich (vencedora do prêmio principal da quarta competição *International Frederick Chopin Piano*, em 1949).

No que diz respeito aos dias atuais, segundo o Conselho Judaico Mundial, os judeus azeris não contam com uma federação que congregue suas instituições, mas elas somam entre dez e quinze iniciativas, entre elas a já citada Organização da Amizade Azerbaijão-Israel. Há no país ainda cinco escolas judaicas. Em Baku funcionam três sinagogas, uma justamente para cada grupo.

Há uma expressiva diáspora de judeus azeris na Rússia, nos Estados Unidos e em Israel. Neste último, eles se concentram nas cidades de Haifa e Ashdod, e há mesmo o caso de parlamentares com origens azeris. Os judeus emigrados de Krasnaia

*Interior da sinagoga de seis cúpulas.*



Sloboda mantém seu vínculo com a cidadezinha natal financiando construções e melhorias em espaços religiosos importantes como o cemitério e a *mikve* - local de banho ritual - locais. Justamente neste momento um museu dos judeus da montanha

está em construção no local da sinagoga mais antiga da localidade. A festividade de *Tisha B'Av* - que lembra a destruição dos dois templos e é um dia também de jejum - atrai seus nativos de todos os lugares do mundo que ali vão para visitar os

túmulos dos antepassados e se re-encontrar (Liphshitz, 2013). Em 2014 cerca de 1.500 destes judeus visitaram o Azerbaijão nesta data sagrada.

O Centro Heydar Aliyev, que trata da história do Azerbaijão e do fundador da República moderna do Azerbaijão, Heydar Aliyev, conta com um trecho da exposição permanente dedicada a apresentar o país como modelo de tolerância. Os textos que a apresentam tratam do passado do país de contato com as religiões mundiais, recebendo destas importante influência no estabelecimento de valores universais como "humanismo, solidariedade e tolerância e com isso forjando um ambiente propício para a "ética e tolerância religiosa", com os grupos vivendo "em condições de respeito mútuo e paz no Azerbaijão". Uma das vitrines próximas a este texto apresenta exemplares da *Torá*, livro sagrado do Judaísmo, uma de 1891 e outra de 1901.

Objetos históricos do Museu Nacional da História do Azerbaijão.





O Museu Nacional de História do Azerbaijão está estabelecido na antiga residência de Haji Zeynalabdin Taghiyev (1838-1924), magnata azerbaijanês do petróleo e também grande filantropo. Ilustrado até o fim da vida, Taghiyev financiou a construção de inúmeras instituições que certamente beneficiaram também os judeus azeris. A presença judaica no país é ali também lembrada em uma vitrine, repleta de objetos religiosos judaicos como um *talit* e um *tefilin*, bem como livros religiosos.

E se em dois dos principais museus da capital a presença judaica é retratada e valorizada, na sinagoga dos judeus da montanha na capital do Azerbaijão, o que chama atenção são fotos e símbolos que ligam tal grupo ao governo e ao país como um todo. Há um mural com fotos de líder nacional Heydar Aliyev e presidente atual Ilham Aliyev com integrantes da comunidade judaica local, bem como inúmeras bandeiras espalhadas pelo hall do prédio. Logo na entrada, há uma mesa como uma *menorá* - candelabro

típico judaico - , ladeada pelas bandeiras do Azerbaijão e de Israel.

Não é raro ver nas propagandas oficiais do Azerbaijão epítetos como "Terra do Fogo" ou "Terra de Chamas", fazendo referência ao petróleo e gás, que são de fato as principais riquezas do país. É interessante verificar, porém, que o Azerbaijão procura cada vez mais se mostrar como "Terra da Diversidade", tolerante e multiétnica, disposta a tratar abertamente de sua comunidade judaica e das relações com o Estado de Israel. O discurso oficial é de que há ali, de fato, "relações harmoniosas" entre muçulmanos e judeus, servindo de exemplo para o mundo inteiro. ✿

Literatura

1. GOLUBOFF, Sasha L. Are they Jews or Asians? A cautionary tale about Mountain Jewish Ethnography. In: Slavi Review, Vol. 63, N. 1 (Spring, 2004), pp. 113-140.

2. HUSEYNOV, Rauf. Jews in Azerbaijan. In: IRS, n.7, 2011, p. 48-54.
3. Krasnaya Sloboda - unique settlement of Jews in Azerbaijan. In: AzerNews, 2/6/2014.
4. LIPSHIZ, Cnaan. Jewish shtetl in Azerbaijan survives amid Muslim majority. In: JTA, 29/8/2013.
5. MURINSON, Alexander. The ties between Israel and Azerbaijan. In: Mideast Security and Policy Studies, The Begin-Sadat Center for Strategic Studies, n. 110, October 2014.
6. REISS, Tom. O Orientalista: o mistério de uma vida estranha e perigosa. Rio de Janeiro: Record, 2007.
7. Tolerance, main pillar of politics in Azerbaijan. In: AzerNews, 29/10/2014.

1 Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV (2012). Coordenadora do MBA em Relações Internacionais da FGV-Rio. moniquesgoldfeld@gmail.com